
X CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA

Os Valores da Geografia

Lisboa, 9 a 12 de setembro de 2015

A resiliência no domínio dos desastres naturais e tecnológicos à escala local: o caso do Município da Amadora

L. Carvalho^(a), M. Farinha^(a), C. Rocha^(a), U. Carrasco^(b), J. Fernandes^(b), G. Sousa^(b), S. Baptista^(c)

N. Leitão^(d)

^(a) Câmara Municipal da Amadora, Serviço Municipal de Proteção Civil, luis.carvalho@cm-amadora.pt; manuel.farinha@cm-amadora.pt; carlos.rocha@cm-amadora.pt

^(b) Câmara Municipal da Amadora, Serviço de Prevenção, Higiene e Segurança no Trabalho, ursula.carrasco@cm-amadora.pt; jose.miguel@cm-amadora.pt; guilherme.sousa@cm-amadora.pt;

^(c) Câmara Municipal da Amadora, Departamento de Administração Urbanística, sandra.baptista@cm-amadora.pt;

^(d) CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, nuno.leitao@fcs.unl.pt

Resumo

A responsabilidade da redução do risco de desastre é uma missão que compete a todos e, por ética e princípios de humanismo e solidariedade, deve fazer parte do quotidiano, desde a forma como se educam os mais jovens até como planeamos as nossas cidades.

Foi com este enquadramento que, em 2010, a Câmara Municipal da Amadora se associou à Campanha Internacional da Organização das Nações Unidas *Construindo Cidades Resilientes 2010-2015*, que lança o desafio a todas as comunidades para desenvolverem um conjunto de boas práticas que as torne mais resilientes face a situações de desastre.

Para assegurar a resiliência de uma comunidade é fundamental existir uma abordagem de envolvimento, de união, de partilha de informação e de implementação dos diversos níveis do conhecimento.

Este artigo pretende demonstrar de que forma foi implementada esta campanha à escala local e a estratégia utilizada pelo município na redução do risco de desastre.

Palavras chave: risco, desastre, resiliência, Amadora

1. Introdução

A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que em 2050 as perdas anuais resultantes de desastres naturais possam chegar aos 250 mil milhões de euros e às 100 mil vítimas mortais.

No município da Amadora, entre 2000 e 2010, foram registadas mais de 138 mil ocorrências, com destaque para os acidentes rodoviários (5.440), incêndios urbanos (4.205) e inundações urbanas (1.686), que motivaram diversos danos económicos e perdas humanas.

Face aos números apresentados, e tendo por base a realidade das várias comunidades, a ONU, através da Estratégia Internacional para a Redução de Desastres (EIRD) lançou no final de 2009 uma das iniciativas mais emblemáticas de sempre no que respeita à temática do risco, desastre e resiliência, a *Campanha Internacional para a Redução do Risco de Desastre - Construindo Cidades Resilientes 2010-2015*, à qual o município da Amadora se associou em agosto de 2010. Esta campanha aborda a necessidade das comunidades locais enfrentarem o problema do fatalismo associado ao desastre e desenvolverem um conjunto de boas práticas que lhes permitam resistir, adaptarem-se e recuperarem (resiliência). Tem como objetivos (UNISDR, 2012):

- Reforçar e apoiar os governos locais, grupos comunitários e líderes, envolvidos no processo de gestão do risco.
- Instar a administração local a tomar medidas para reduzir a vulnerabilidade do espaço construído ao desastre.
- Aumentar a conscientização dos cidadãos e dos governos ao nível da redução dos riscos urbanos.
- Dotar as diversas entidades locais com um orçamento próprio para promover atividades de redução do risco.
- Incluir a temática da redução do risco no processo de planeamento, através de sessões participativas.

No contexto nacional, existem sete cidades envolvidas nesta iniciativa: Amadora, Lisboa, Cascais, Funchal, Setúbal, Torres Vedras e Odivelas. O envolvimento nesta campanha não é mais do que assumir a necessidade de criar condições para se desenvolver ações que atenuem riscos e limitem os seus efeitos quando estes ocorram, seja à escala nacional ou local.

2. A resiliência no domínio dos desastres naturais e tecnológicos à escala local: o caso do Município da Amadora

Em teoria, uma cidade resiliente, no domínio dos desastres naturais, tem uma maior capacidade de preparação, adaptação, antecipação, aprendizagem e de auto-organização em função de choques externos (Santos, 2009). A cidade resiliente é menos vulnerável e assume uma melhor preparação para lidar com a mudança, com a complexidade dos riscos existentes, com crises e perturbações múltiplas, evitando disrupções e colapsos, como consequência de um desastre (figura 1).

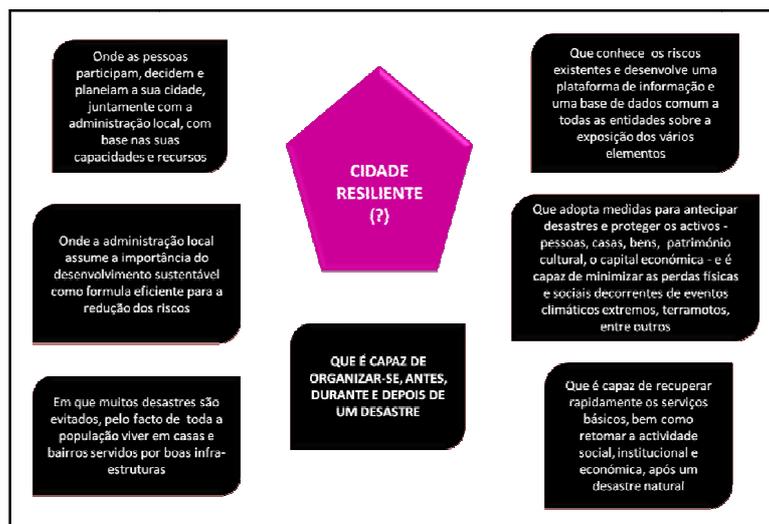


Figura 1- Princípios da cidade resiliente

No âmbito da iniciativa *Campanha Internacional para a Redução do Risco de Desastre - Construindo Cidades Resilientes 2010-2015* uma cidade resiliente deverá ter em conta um conjunto de princípios (UNISDR, 2012):

1. A organização e coordenação de modo a compreender e reduzir os riscos de desastres, com base na participação de grupos de cidadãos e da sociedade civil.
2. A definição de um orçamento para a redução do risco de desastres.
3. A atualização permanente de todos os dados sobre os riscos e vulnerabilidades existentes. Considerar a análise de risco como base de todos os planos de desenvolvimento urbano e decisões.
4. A capacidade de investir e manter todas as estruturas que reduzam o risco, como o sistema de drenagem pluvial, de modo a minimizar o impacto dos fenómenos meteorológicos extremos (alterações climáticas).
5. A segurança de todas as escolas e unidades de saúde, reforçando-a sempre que necessário.
6. A aplicação e o reforço dos regulamentos de segurança nos processos construtivos com o objetivo de reduzir os riscos nas infraestruturas.
7. A existência de programas de educação/formação/sensibilização sobre a redução do risco de desastres nas escolas.
8. A proteção dos ecossistemas naturais como forma de mitigar inundações, tempestades e outros perigos a que cidade possa estar vulnerável.

9. O desenvolvimento de um sistema de alerta precoce e de gestão de emergência eficaz. É igualmente importante a realização de exercícios para testar as capacidades das diversas entidades e da própria comunidade.
10. No pós-desastre, as necessidades dos sobreviventes devem ser consideradas no processo de reconstrução, com o apoio de todas as organizações/entidades da comunidade.

Numa cidade resiliente, o que interessa verdadeiramente não é saber o que irá acontecer, mas sim estar preparado para o que poderá acontecer.

Nos últimos 20 anos, o município da Amadora, sofreu diversos danos materiais e perdas humanas derivados de desastres naturais e tecnológicos, com especial destaque para as inundações urbanas, incêndios urbanos, industriais e florestais, movimentos de terreno e acidentes rodoviários. Com uma população residente de 175 135 indivíduos (CENSOS, 2011), uma área de 23,7km² e uma densidade populacional de 7,343 habitantes por km² (CENSOS, 2011), o município da Amadora apresentava, até 2010, os seguintes desafios:

- Uma fraca participação dos diversos *stakeholders* no processo de planeamento urbano e da análise do risco.
- Um impacto severo na comunidade dos diversos fenómenos meteorológicos extremos.
- A incapacidade de elaborar um levantamento e análise de todos os riscos existentes no território e construir uma cultura de segurança.
- Colocar a redução do risco de desastre na agenda do município.

Após a adesão do município à *Campanha Internacional para a Redução do Risco de Desastre - Construindo Cidades Resilientes 2010-2015*, houve a necessidade de criar um grupo de trabalho/equipa multidisciplinar para colmatar os desafios enunciados e implementar os princípios da cidade resiliente, à escala local que designámos *Campanha Local 2010-2015 “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente”*.

O primeiro passo da equipa da Campanha Local foi mobilizar os diversos *stakeholders* (serviços municipais, agentes locais, grupos da sociedade civil, universidades e organizações especializadas), propondo-lhes parceiras e alianças locais. Para isso, organizaram-se diversos workshops e sessões públicas de modo a explicar os benefícios e os compromissos necessários para garantir uma comunidade mais resiliente. Atualmente, a *Campanha Local 2010-2015 “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente”*, conta quase 40 *stakeholders*.



Figura 2- Estrutura da Campanha Local 2010-2015 “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente”

O segundo passo foi desenvolver mecanismos de sensibilização e formação para a população e *stakeholders*, de modo a ser possível transmitir-lhes os procedimentos corretos a dotar em situações de emergência. A equipa da Campanha Local, com o apoio dos parceiros tem concretizado diversas publicações¹, planos de emergência (de acordo com os Cadernos Técnicos da Autoridade Nacional de Proteção Civil) e estudos técnico-científicos, em que se efetuou a análise dos riscos no município e as medidas estruturais e não estruturais a aplicar. A equipa desenvolveu ainda uma metodologia de trabalho² para a redução do risco de desastre nas infra-estruturas dos *stakeholders*, em que é prestado apoio técnico na identificação das inconformidades e na proposta de melhorias no âmbito do Regime Jurídico de Segurança Contra Incêndio em Edifícios (SCIE) e ministrada ações de formação e sensibilização aos utentes/utilizadores das instalações.

A existência de programas de educação, formação e sensibilização, sobre a redução do risco de desastre, tem sido um dos principais focos da Campanha Local. No último ano letivo (2014/15) foram organizadas 148 ações que envolveram 6427 alunos. Por outro lado, a participação em diversos eventos e festividades municipais, a conferência comemorativa do Dia Internacional para a Redução de Desastres e a organização de várias ações de formação (medidas de prevenção e autoproteção) e de informação (sobre riscos e desastres) aos parceiros da Campanha Local e comunidade, permitiram-nos colocar a temática da redução do risco de desastre no quotidiano do município.

¹ Plano Familiar de Emergência, Minuta Técnica para a Elaboração de Planos de Segurança, Fichas Pedagógicas Prevenir para Proteger, Histórico de Ocorrências no Município da Amadora 2000-2010 e Normais Climatológicas 1915-2012, panfletos informativos sobre os fenómenos meteorológicos extremos e comunicados técnico-operacionais sobre condições meteorológicas, avisos meteorológicos e alertas de proteção civil.

² **1º EIXO:** Identificação de inconformidades e proposta de melhorias, no âmbito do preconizado no Regime Jurídico de Segurança Contra Incêndio em Edifícios (SCIE); **2º EIXO:** Dinamização/apoio técnico nas Medidas de Autoproteção; **3º EIXO:** Formação/Sensibilização, para funcionários e utentes/utilizadores das instalações; **4º EIXO:** Realização de Workshops temáticos em data e local a combinar; **5º EIXO:** Participação nos eventos em curso da Campanha.

Para além disso, as redes sociais (*facebook*³ e *youtube*⁴) têm possibilitado a promoção de conteúdos e informação sobre as boas práticas que o cidadão, o Estado e as entidades público-privadas podem e devem adotar para antecipar os riscos a que estão sujeitos.

3. Considerações finais

O caminho para a promoção da resiliência passa pela promoção da preparação e adaptação, que irá conferir, à comunidade uma maior capacidade de reagir e recuperar a um evento extremo. A *Campanha Internacional para a Redução do Risco de Desastre - Construindo Cidades Resilientes 2010-2015*, que à escala local deu corpo à *Campanha Local 2010-2105 “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente”* trouxe ao município a capacidade de promover, de uma forma responsável, a redução do risco de desastre, sobretudo através das parcerias com diversos *stakeholders* e das diversas ações de informação e sensibilização enquadradas nos riscos que o território exhibe e nos desastres que motivaram danos e perdas.

4. Bibliografia

CENSOS (2011), *XV Recenseamento Geral da População - V Recenseamento Geral da Habitação*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

Pickett, S., Cadenasso, M., Grove, J. (2004) *Resilient cities: meaning, models, and metaphor for integrating the ecological, socioeconomic, and planning realms*, Landscape and Urban Planning, London.

Santos, F. T. (2009) *Territórios resilientes enquanto orientação de planeamento*. Direção de Prospectiva e Planeamento, Lisboa.

UNISDR (2012) *Como Construir Cidades Mais Resilientes - Um Guia para Gestores Públicos Locais*, United Nations International Strategy for Disaster Reduction, Geneva.

UNISDR (2012) *Making cities resilient report 2012 - A global snapshot of how local governments reduce disaster risk*, United Nations International Strategy for Disaster Reduction, Geneva.

³ <https://www.facebook.com/amadora.resiliente>

⁴ <http://www.youtube.com/user/UNISDRAmadora>